

**A MEMÓRIA DO DIZER E O INTERDISCURSO CRISTALIZADO SOBRE A FIGURA DA AMANTE NA MÚSICA “AMANTE NÃO TEM LAR”: UMA ANÁLISE DISCURSIVA**

**THE MEMORY OF SAYING AND THE CRYSTALLIZED INTERDISCOURSE ON THE FIGURE OF LOVER IN MUSIC “AMANTE NÃO TEM LAR”: A DISCURSIVE ANALYSIS**

Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo<sup>1</sup>  
Doutora em Letras e Linguística  
Universidade Federal da Paraíba  
([nadiaazevedo@gmail.com](mailto:nadiaazevedo@gmail.com))

Claudemir dos Santos Silva<sup>2</sup>  
Mestre em Ciências da Linguagem  
Universidade Católica de Pernambuco  
([claudemirsilva711@gmail.com](mailto:claudemirsilva711@gmail.com))

Kelly Cristine Martins dos Santos<sup>3</sup>  
Mestre em Linguística e Ensino  
Universidade Federal da Paraíba  
([kelmelct@live.com](mailto:kelmelct@live.com))

**RESUMO:** Há na sociedade, desde a mais tenra idade, discursos que se perpetuam, via memória discursiva, repetindo, refutando e transformando-se, histórica e socialmente, num interdiscurso cristalizado, o “puro já dito”, disseminando, assim, nos dizeres, uma visão preconceituosa e deturpada sobre a figura da amante, que é enquadrada como a “destruidora de lares”, “pivô de separações”. É nesse cenário que está inscrito o segundo disco da cantora Marília Mendonça, “Realidade”, 2017, no qual a compositora reproduz o olhar machista sobre a traição em um relacionamento, apontando a “outra” como única culpada pelo “deslize” cometido pelo homem casado. Em vista disso, este artigo pretende analisar a música “amante não tem lar” e identificar a memória do dizer e o interdiscurso cristalizado em relação à figura da amante no contexto social, mobilizando as noções de sujeito e situação, efeitos de sentido, memória discursiva e interdiscurso, formação discursiva (FD), formações imaginárias (Fim) e posição-sujeito. Para tal empreendimento, utiliza-se como corpus discursivo a supracitada música, que circula na mídia digital, tendo como dispositivo teórico e analítico a Análise do Discurso de linha francesa (AD), baseado nos estudos de Pêcheux, na Europa, Orlandi e demais estudiosos, no Brasil.

**Palavras-Chave:** Memória do dizer. Interdiscurso cristalizado. Amante. Machismo.

<sup>1</sup> Professora e Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem – Universidade Católica de Pernambuco (PPGCL/UNICAP).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6425-2846>.

<sup>2</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem – Universidade Católica de Pernambuco (PPGCL/UNICAP). Bolsista da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia (FACEPE).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7198-1374>.

<sup>3</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem – Universidade Católica de Pernambuco (PPGCL/UNICAP).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9134-7365>.

**ABSTRACT:** In society, from a very early period, discourses are perpetuated, via discursive memory, repeating, refuting and transforming, historically and socially, into a crystallized interdiscourse, the “pure already said”, thus disseminating, in the words, a vision prejudiced and distorted about the figure of the mistress who is framed as the “destroyer of homes”, “pivot of separations”. It is in this scenario, that the second album of the singer Marília Mendonça, “Realidade”, 2017, is inscribed, where the composer reproduces the sexist look about the betrayal in a relationship, pointing out the “other” as the only guilt for the “slip” committed by the man married. Considering the aforementioned, this paper aims to analyze the song “amante não tem lar” and to identify the memory of saying and the crystallized interdiscourse in relation to the figure of the lover in the social context, mobilizing the notions of subject and situation, effects of meaning, discursive and interdiscourse memory, discursive formation (DF), imaginary formations (IF) and subject-position. For such an undertaking, the aforementioned song is presented as a discursive corpus, which circulates in digital media, having the French Discourse Analysis (AD) as a theoretical and analytical device, based on the studies of Pêcheux in Europe, Orlandi and scholars in Brazil.

**Keywords:** Memory of saying. Crystallized Interdiscourse. Lover. Chauvinism.

## Introdução

Ele não é meu, porque não dorme comigo, mas também não é meu amigo, porque me beija e me vê despida, não é meu marido, mas telefona e reparte um passado, que eu queria também ter vivido, não é meu porque não tenho roupas penduradas ao lado das minhas, não tenho dele um retrato, não passa comigo um domingo, jamais ganhei um presente, que não fosse de seda rendada, eu sou sua preferida de um homem comprometido, queria não ser um perigo, uma bomba que pode explodir, e deixar outra mulher arruinada, ele é o terrorista, eu o alvo escolhido, preferia aceitar um pedido, fazer nada escondido, mas ele não é o meu marido, não é o meu namorado, não é bom partido, não pode andar ao meu lado, não sabe a que horas eu acordo, não racha as contas comigo, não fica para ouvir um disco, não é exigido, não é meu parente, e anda sumido, nada é mais deprimente, quando chama seu número ela atende, e eu desligo [“O Amante”, Martha Medeiros].

Na esfera social existem discursos longínquos que se perpetuam até hoje, tais dizeres acabam determinando padrões sociais como, por exemplo, em relação às mulheres que assumem a posição-sujeito de amantes, assim, fazendo-as pagar um alto preço por suas escolhas. Em seus muitos significados e efeitos de sentidos, a palavra “amante” que no dicionário é conceituada como “de quem ama, apaixonado, quem vive em concubinato, relações ilícitas”, conforme (Freitas, 2008) deveria ser empregada para as primeiras expressões, no entanto, “é utilizada para as últimas e isto, talvez, não por acaso, demonstra que no inconsciente social, nestas há paixão” (FREITAS, 2008, p. 28).

Em meio a este panorama sociocultural, a “outra” é disposta à margem da sociedade por ocupar tal posição, porque “não se tem como se falar em infidelidade,

sem associar a uma terceira pessoa que acaba por ser incluída numa relação conjugal, competindo com as mesmas, ou até com prioridades de um dos cônjuges” (FERREIRA, 2009, p. 64). Nesse contexto, é notória a preocupação do ordenamento com a família, esta, inclusive, com proteção em nível constitucional<sup>4</sup>. Logo, de acordo com Almeida (2016), dentro da família, há o casamento onde a legislação prevê uma série de deveres para os cônjuges. Dá-se especial destaque ao dever de fidelidade recíproca, previsto no inciso I do art. 1.566<sup>5</sup>, do Código Civil. Portanto, ainda, conforme Ferreira (2009), “o principal do casamento é o dever da fidelidade, o qual deve ser zelado por ambos os cônjuges, [...], pois a fidelidade é o fator mais importante desta relação” (FERREIRA, 2009, p. 21).

Em vista disso, entretanto, e quando nessa relação conjugal há a quebra do vínculo da fidelidade e ocorre uma traição? Inicialmente, é preciso esclarecer que, quando se depara com a expressão infidelidade, as primeiras imagens que vêm envolvem: “adultério, traição, ofensas graves, rompimento traumático e, toda a enorme gama de ventos negativos que podem ocorrer no relacionamento interpessoal” (SOUZA, 2006, p. 479). Nesse caso, “tanto a conduta do cônjuge traidor como a da amante, no sentido de sofrer as consequências de seus atos, são objeto de análise, estudo e incidência da Responsabilidade Civil, por não observância do dever de fidelidade” (ALMEIDA, 2016, p. 21).

Além das questões materializadas, é preciso destacar-se que tais formas alternativas de convivência eram/são estigmatizadas pela Igreja que reduziu a mulher ao papel de esposa e mãe, como nos diz Del Priori (1995), “ao transferir para a Colônia uma legislação Civil e religiosa que só reconhecia o estatuto social da mulher casada e mãe, a Igreja apertava o cerco em torno de formas não sacramentadas de convívio” (DEL PRIORI, 1995, p. 50).

Nesse enquadramento, Rodrigues (2017) afirma que desde a década de 70, com a luta do feminismo para colocar a mulher em posição de igualdade com o homem, muita coisa mudou, principalmente, na cultura ocidental. Mas, infelizmente, em muitos países orientais e africanos a figura feminina, ainda, não passa de um objeto de troca, ela não casa, é dada em casamento. Sob esse prisma, até meados do século XVIII, no ocidente, o homem que tivesse mais dinheiro e/ou que pelo menos

---

<sup>4</sup> “Art. 226. A família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado”.

<sup>5</sup> “Art. 1.566. São deveres de ambos os cônjuges: I - fidelidade recíproca; [...]”.

o pai da noiva que mostrasse bens para um bom dote, famílias uniam-se para sobreviver melhor financeiramente. Além disso, em muitos locais, a noiva via o noivo somente na noite das núpcias, o véu sobre o rosto da noiva, era levantado somente no altar, em sinal de pureza, pudor. Contudo, todo esse decoro não impedia o marido de bater na esposa, trair e tratá-la como um mero objeto dentro de casa para procriar, cuidar dos seus filhos e do lar.

E nessa conjuntura há no imaginário social dizeres como: “mulher é para ficar em casa cuidando dos filhos”; “o amor é para a família, o prazer para as amantes”, entre outros. Nessas situações, aquela que aceitar ter relações com um homem casado, é tida/vista como a “safadinha”; “a boa para se divertir”; “mulher fácil;” “mulher de rua” e por aí vai. Porém, a ideia de que a mulher é para constituir família, ter os filhos e de que é natural ter um *affair* permanece bem viva no ideário masculino. Para o homem, é natural amar uma e gozar com outra. Qual o problema? Afinal de contas, “o que os olhos não veem o coração não sente” e mais, “aquilo que é proibido é mais gostoso”, pensam muitos!

Nenhum problema, até que a amante decida assumir posturas bem dispare, como por exemplo, conte para a esposa e aja semelhantemente a personagem do filme “atração fatal”, de 1988, perseguindo o traidor e sua família até destruí-los. Ou decida, simplesmente, assumir toda a culpa pela infidelidade, do homem, para a esposa e, depois, saia de cena. Esse último perfil de amante está inscrito no segundo disco “Realidade”, 2017, da cantora Marília Mendonça, onde a compositora reproduz o olhar machista sobre a traição em um relacionamento, quer dizer, como muitas vezes acontece, a “outra” é apontada como única culpada pelo deslize cometido do homem-marido “muito bem casado”.

Nesse sentido, as relações extraconjugais têm sido tema de muitas composições musicais, em que as mulheres vêm conquistando cada vez mais o seu espaço, dando voz, muitas vezes, as suas decepções amorosas, traições, também conhecidas como a “sofrência”, junto ao frenético mundo do “feminejo”, emplacando um sucesso atrás do outro que acabam por cair no gosto popular. Dessa maneira, a partir das questões, postas até então, este artigo pretende analisar a música “amante não tem lar” e identificar a memória do dizer e o interdiscurso cristalizado em relação à amante no contexto social, mobilizando as noções de sujeito e situação, efeitos de sentido, memória discursiva e interdiscurso, formação discursiva (FD) e formações

imaginárias (Fim). Para tanto, utiliza-se como *corpus* discursivo a supracitada música, que circula na mídia digital, tendo dispositivo teórico e analítico, a Análise do Discurso de linha francesa (AD), baseado nos estudos de Pêcheux na Europa, Orlandi e estudiosos no Brasil.

Nessa tessitura, entende-se que todo discurso não é individual, mas uma construção social e que só pode ser analisado, tendo em vista seu contexto sócio-histórico-cultural e suas condições de produção (CP). Por isso, a partir de reflexões, tornar-se-á compreensível constatar através da memória discursiva, histórica/social, tal interdiscurso cristalizado em que a letra da música, a ser analisada, está inscrita e, conseqüentemente, nota-se a perpetuação de discursos que reforçam essa ideia, ou seja, disseminam contra as mulheres toda a culpa pela infidelidade do homem-marido que “pula a cerca”, aventurando-se numa relação extraconjugal.

### **Do sertanejo ao apoteótico movimento feminejo: músicas, discursos e representações femininas**

O Brasil é um país muito rico na criação e produção da música popular. Atualmente, observam-se os mais diversificados ritmos bem difundidos pela mídia, trazendo elementos da cultura popular das regiões sudeste, norte, nordeste, sul e centro-oeste, onde há uma profusão de estilos musicais, tais como: funk, samba, pagode, rock, arrocha, carimbó, tecno-brega, forró, axé, tchê-music, sertanejo e rock. Entendida como uma linguagem, Eede (2013) salienta que a música popular permite compreender o registro da vida cotidiana a partir da visão de um compositor (sujeito histórico) que observa o contexto social no qual vive, reproduzindo suas experiências, seus imaginários, suas representações daquilo que o cerca, embalando imaginários individuais e coletivos, eternizando momentos.

Sendo assim, na contemporaneidade, estudar a música<sup>6</sup> é um processo complexo, tendo em vista a sua multiplicidade de possibilidades. Para tanto, necessita-se levar em consideração, segundo Napolitano (2005) “o sentido sociocultural, ideológico e histórico de uma canção, que reúne palavra (letra) música (harmonia, melodia, ritmo), performance vocal, instrumental e visual, elementos

---

<sup>6</sup> Os estudos da música podem ser feitos em três grandes áreas: Musicologia histórica – estudo da vida e obra de compositores e das formas eruditas; Etnomusicologia – voltado para as formas e manifestações musicais de grupos nativos e comunitários (índios) e Estudos de Música Popular – produzida pelos grupos populares (NAPOLITANO, 2005, p. 254).

técnicos (fonograma, apresentação ao vivo, videoclipes e recepção” (NAPOLITANO, 2005, p. 271). Contudo, atualmente, com os avanços tecnológicos e dos meios de comunicação, ampliou-se também as formas de produção e divulgação, maneiras essas que somadas à letra, contribuem na criação de sentidos, imaginários e representações.

Os estilos musicais são os mais variados e em sua grande maioria, representam as práticas de uma cultura local, regional, dando-lhes uma identidade. Nesse cenário, a Música Sertaneja foi produzida entre 1945 a 1960. O adjetivo "sertanejo", originalmente, refere-se à cultura nordestina, do interior, que encontrou vegetação e clima hostis, além da dominação política dos "coronéis", obrigando a desenvolver uma cultura de resistência, do matuto, legitimamente do sertão (EEDA, 2013). Nesse contexto, tendo como premissas as músicas caipira e sertaneja, observa-se que ocorrem variações, isto é, surgem outras fases musicais<sup>7</sup>, tais como: Música Sertaneja Moderna - 1960/80 e Sertanejo Universitário 1995/2002. A partir daí, as mulheres vêm conquistando cada vez mais o seu espaço, e o mundo sertanejo não poderia ficar de fora. Não que elas não existissem antes, pelo contrário, apenas não eram evidenciadas pela mídia.

Hoje, já não se pode dizer isso, afinal, elas têm emplacado um sucesso atrás do outro, dando voz, muitas vezes, às suas decepções amorosas, também conhecidas como a "sofrência", que acabam por cair no gosto popular. Com isso, a participação da figura feminina na música sertaneja, de acordo com Alonso (2011) em sua tese intitulada: "Cowboys do asfalto: música sertaneja e modernização brasileira" vêm desde as Irmãs Galvão, Cascatinha & Inhana e Inezita Barroso, na década de 1960/1970, Roberta Miranda e Sula Miranda nos anos 1990, Paula Fernandes e Cecília, da dupla Maria Cecília e Rodolfo, nos anos 2000. O fato de que as mulheres tenham passado a partilhar essa poética do sertanejo universitário, tornou possível superar "origens agrárias e, às vezes, machistas de todos os gêneros [musicais] nascidos no campo e tem a ver com a ascensão do sertanejo universitário a partir de 2005 e com a catalisação acelerada de sua aceitação entre 2008 e 2009" (ALONSO, 2011, p. 67).

---

<sup>7</sup> Ver o trabalho de Eede (2013), onde a autora faz um detalhamento das respectivas fases da música sertaneja, a partir de vigas estruturais/musicais: caipira e sertaneja.

A maioria das músicas populares no Brasil, de praticamente todos os estilos musicais, tem as mulheres como fonte de inspiração. Elas são abordadas de diferentes formas, em diferentes contextos, sendo representada socialmente a partir de discursos, que são construídos como “verdades”, fixando-se no imaginário popular produzindo muitos efeitos de sentidos naqueles que as ouvem. De uns tempos para cá, conforme Lima (2017), porém, um movimento denominado “Feminejo”, começou a tomar forma em todo o país, onde os termos “feminino” + “sertanejo” = “Feminejo”, isso se dá por todo esse movimento que elas (as mulheres) causaram e vêm causando na música sertaneja no Brasil, onde as mais diversificadas temáticas/situações são protagonizadas pelas composições musicais de cantoras como: Naiara Azevedo, Maiara e Maraísa, Marília Mendonça, Paula Mattos e até Wanessa Camargo, entre outras, que têm se colocado como porta-vozes da figura feminina, por consequência, revelando que as mulheres não são meros dados biológicos sexuais, desmistificando, assim, discursos que inscrevem a condição das mulheres na sociedade, apenas, como a de ser mãe, delicada, sensível, obediente, amorosa, enquanto os homens seriam agressivos, competitivos e superiores àquelas (LIMA, 2017).

**Sujeito e situação, efeitos de sentido, memória discursiva e interdiscurso, formação discursiva (FD), formações imaginárias (Fim) e posição-sujeito: algumas noções basilares da Análise do Discurso de linha francesa (AD)**

Desde a gênese da Teoria do Discurso, Pêcheux (1969, 1975) entende que são as lutas de classes que movem a sociedade e os discursos. Embora existam outras áreas dos estudos da linguagem que foquem na compreensão dos diversos discursos circulantes na sociedade, é a partir de Pêcheux (1993 [1969]), que o discurso passa a ser concebido como efeitos de sentido entre locutores. Dessa maneira, “o discurso é um fenômeno intermediário entre a língua (geral) e a fala (individual), nasce em outros discursos, isto é, a partir de formações discursivas que, por sua vez, integram uma ou mais formações ideológicas” (ORLANDI, 2011, p. 157-158). Nesse sentido, a vertente brasileira da AD é desenvolvida por Eni Orlandi (2011) e outros pesquisadores, que a definem como “teoria crítica que trata da determinação histórica dos processos de significação” (ORLANDI, 2011, p. 12). Partindo da constituição simbólica do homem, da busca (inevitável) de sentidos situando as práticas de linguagem no eixo tempo-espço.

Nesse contexto, os sentidos, por sua vez, “não estão nas palavras, que mudam de sentido segundo as posições sociais daqueles que a empregam”, daí, “o sujeito ao produzir sentidos diz mais sobre si do que sobre aquilo que ele diz” (SOARES, 2017, p.35). Na verdade, o discurso é/será determinado pela posição-sujeito, dada em uma posição ideológica e sócio-histórica também (ORLANDI, 2013, p. 43), porque de acordo com Althusser (1985, p. 99), “o lugar desse sujeito já foi dado, ele já se inscreveu, há, portanto, uma predeterminação ideológica”. Na AD, conforme Maliska (2017, p. 50), “toda a problemática do sentido, ou melhor, de seus efeitos e defeitos, se dá através de uma premissa que a linguagem não é um código a ser decifrado pelo receptor que a receberia cifrada pelo emissor” (MALISKA, 2017, p. 50).

Nesse encadeamento, o discurso possibilita formas de conhecimento em seu conjunto (ORLANDI, 2013) e na prática, concebe um acontecimento, evidenciando, então, “efeitos de sentido entre locutores” (PÊCHEUX, 1997), uma vez que propõe a noção de funcionamento, isto é, a relação existente entre condições materiais de base (língua) e processo (discurso). Nessa direção, a partir dos discursos de Leandro Ferreira (2005, p. 73), é preciso ressaltar que a concepção de linguagem que norteia a AD é a da psicanálise, onde o sujeito não é consciente e nem tem controle sobre o que diz, isto é, ele (o sujeito) **é clivado, assujeitado, desejan**te. Tal categoria, introduzida na AD, é pensada a partir de formulações de Lacan, ganhando estatuto próprio. No entanto, “não nos apropriamos do sujeito da psicanálise, **mas levamos em consideração o sujeito inconsciente, descentrado, não-uno, onde a incompletude é muito marcante no sujeito**” (LEANDRO FERREIRA, 2005, p. 73, grifos nossos).

Em virtude disso, “na Psicanálise, a hipótese do inconsciente produz uma divisão do sujeito, que fica seccionado entre sua intencionalidade consciente e seu dizer inconsciente, [...] entre o que se diz e o que se pensa ou se almeja dizer” (MALISKA, 2017, p. 70). Ao mesmo tempo, é sujeito da ideologia, tal como teoriza Althusser (1991), afirmando que esse processo é decorrente do assujeitamento ideológico, onde se dá a ilusão do sujeito, no sentido de que o assujeitamento, ligado à ambiguidade do termo sujeito, “exprime bem esta “fixação” de liberdade e de vontade do sujeito: o indivíduo é determinado, mas para agir, ele deve ter a ilusão de ser livre mesmo quando se submete” (HAROCHE, 1992, p. 178). Dessa maneira, não se pode negar a evidência da língua, como tal, ela tem seu corpo, sua materialidade,



por isso, conforme Leandro Ferreira (2000, p. 21), “é preciso que desconfiemos dela e de seu efeito de aparente transparência”, procurando investigar os mecanismos de funcionamento que produzem sentidos, pois muitas vezes, a autora lembra de que, nos contextos sociais, o sentido das palavras, dos enunciados, das preposições aparece como se estivesse dado, cabendo ao sujeito reconhecer e adequá-lo ao seu dizer. Criando-se, assim, “a ilusão de um sentido desprovido de história e de um sujeito como origem de si próprio”. Temos aí, em decorrência do “efeito de evidência da língua”, o surgimento de mais duas: “a **evidência do sentido** (que faz com que uma palavra queira dizer o que realmente diz) e a **evidência do sujeito** (que se mostra como tendo existência espontânea)” (LEANDRO FERREIRA, 2000, p. 21, grifos nossos).

Dessa forma, “quando o sujeito fala [...], ele está atribuindo sentido às suas próprias palavras em condições específicas”, assim, achando que os sentidos estão nas palavras, logo, apagando-se, suas formações imaginárias (Fim), pensando fazer desaparecer em suas condições de produção (CP), o modo pelo qual a exterioridade o constitui enquanto sujeito de seus discursos. Assim sendo, nessa composição, por intermédio desses conceitos, “teremos uma condição privilegiada de investigar um funcionamento particularmente desvelador e revelador dos sentidos de certos enunciados” (LEANDRO FERREIRA, 2000, p. 24). Como resultado, em meio a essa tessitura, o funcionamento discursivo, não é unicamente linguístico, já que as CP (situação dos protagonistas) são o conceito básico para a AD, uma vez que constituem e caracterizam o discurso, sendo seu objeto de análise. Desse modo, as CP são Fim, onde se apresentam, de acordo com Orlandi (2011):

- 1) **A relação de forças** - os lugares sociais dos interlocutores e sua posição relativa, marcando o discurso com a força da locução que este lugar representa. Logo, importa-se, por exemplo, se o falar é do lugar de presidente, ou de professor, ou de pai, ou de filho etc (ORLANDI, 2015).
- 2) **A relação de sentido** - o coro de vozes, a intertextualidade, o vínculo que existe entre um discurso e os outros, onde o que se diz tem relação com outros dizeres e isto faz parte dos efeitos de sentido dos discursos. Portanto, todo dizer é aberto em suas relações de sentidos (ORLANDI, 2015).
- 3) **A antecipação** - a maneira como o locutor representa as representações do seu interlocutor e vice-versa, “o sujeito experimenta o lugar de seu ouvinte a partir do seu próprio lugar” (ORLANDI, 2011, p.126-158, grifos nossos).

Sendo assim, compreende-se que os dizeres, não são apenas mensagens a serem decodificadas, mas efeitos de sentido que são produzidos em condições determinadas. Essas condições de produção do discurso “compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação” (ORLANDI, 2013, p. 30-31). É por meio do funcionamento discursivo nas formações imaginárias dos sujeitos em suas condições de produção que se percebe a constituição dos sentidos, estes, por sua vez, conforme Ferreira (2015), instauram-se nas grandes formações sócio-históricas que determinam as formações ideológicas (FI) em que os discursos estão inscritos. Nesse vigamento, a FI é entendida como um conjunto complexo de atitudes e representações que não são nem individuais nem universais, mas se relacionam mais ou menos às posições de classes em confronto umas com as outras. Comporta, necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias formações discursivas (FD) interligadas (CAZARIN, 2001, p. 137).

Dentro dessa composição, Pêcheux (2014, p. 214) situa a relação ideologia/discurso, a partir disso, “os indivíduos são interpelados em sujeitos-falantes (em sujeitos de seu discurso) pelas FDs que representam, na linguagem, as formações ideológicas que lhe são correspondentes”. Na verdade, a tese “a ideologia interpela os indivíduos como sujeitos”. Tal interpelação tem, por assim dizer, “um efeito retroativo, o que resulta em que todo indivíduo é sempre-já sujeito” (PÊCHEUX, [1996] (2010), p. 150). À noção de Formação Discursiva (FD), o autor diz, “corresponde a um domínio de saber, constituído de enunciados discursivos que representam um modo de relacionar-se com a ideologia vigente, regulando o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX, 2014, p. 160).

Em toda situação de linguagem, o sujeito e a situação, contam fundamentalmente para a AD. Diante disso, outra importante definição neste artigo, trata-se do papel da memória do dizer, que sendo observada e compreendida à luz da AD, Pêcheux destaca que:

A memória seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível (PÊCHEUX, 2010, p. 52).

Em virtude disso, a memória do dizer possibilita a materialização de discursos que se processam mediante o contexto sócio-histórico em que os sujeitos estão

inscritos, portanto, retomando dizeres outros, para então, reformular e restabelecer discursos num complexo jogo ideológico. Nesse cenário, o interdiscurso é tratado como a memória do dizer, como aquilo que fala antes, em outro lugar, de modo independente e diferentemente (PÊCHEUX, 1969, 1975), uma vez que todo discurso se constitui a partir de uma memória e do esquecimento de outro (PÊCHEUX, 2010, 1984).

### **Aspectos metodológicos: o *corpus* discursivo**

Para a realização deste trabalho, ouviu-se e extraiu-se do *site* do *YouTube*, a música “Amante não tem lar”, da cantora Marília Mendonça, inscrita em seu segundo disco “Realidade”, lançado em 2017, visando assim, identificar a memória do dizer e o interdiscurso cristalizado em relação à figura da amante no contexto social, mobilizando as noções de sujeito e situação, efeitos de sentido, memória discursiva e interdiscurso, formação discursiva (FD), formações imaginárias (Fim) e posição-sujeito. Nesse embricamento discursivo, o analista tem como finalidade compreender o processo de produção de sentidos, instalado por uma materialidade discursiva, caracterizado pelo processo de identificação que “o sujeito se inscreve em uma FD para que suas palavras tenham sentido” (ORLANDI, 2015, p. 22).

Com relação às marcas linguístico-discursivas, é preciso dizer que se trata de **palavras** ou **frases-de-base**, determinando a especificidade textual (AZEVEDO, 2006, grifos nossos). Diante da eleição desses indícios, vestígios, pistas (**destacadas em negrito no texto**), nota-se “como a repetição/e ou suas rupturas fazem discurso e, por esse viés, de que modo os sujeitos se constituem e se significam” (INDURSKY, 2011, p. 04). Nesse sentido, passando a contemplar o movimento da interpretação, de compreendê-lo, que caracteriza a posição do analista, numa posição que entremeia a descrição e a interpretação, podendo tornar visíveis às relações entre diferentes sentidos que são constituídos.

Nesse sentido, como marcado, anteriormente, a AD, neste artigo, será utilizada como teoria e procedimento de análise, pois visa a compreender como um objeto simbólico produz sentidos. Em decorrência disso, o trabalho de análise é iniciado pela configuração do *corpus*, “delineando-se seus limites, fazendo recortes, retomando-se conceitos e noções que demandam um ir-e-vir constante entre teoria,

consulta ao *corpus* e análise. Esse procedimento dá-se ao longo de todo o trabalho” (ORLANDI, 2013, p.66).

### Um gesto teórico-analítico na música “*Amante não tem lar*”

**Só vim me desculpar**  
 Eu não vou demorar  
 Não vou tentar ser sua amiga  
 Pois sei que não dá

**Você vai me odiar**  
 Mas eu vim te contar  
**Que faz um tempo**  
**Eu me meti no meio do seu lar**

Sua família é tão bonita  
 Eu nunca tive isso na vida  
 E se eu continuar assim  
 Eu sei que não vou ter

**Ele te ama de verdade**  
**E a culpa foi minha**  
**Minha responsabilidade eu vou resolver**  
**Não quero atrapalhar você**

**E o preço que eu pago**  
**É nunca ser amada de verdade**  
**Ninguém me respeitar nessa cidade**  
**Amante não tem lar**  
**Amante nunca vai casar [...]**  
**Amante não vai ser fiel**  
**Amante não usa aliança e véu**

**Amante Não Tem Lar**  
 Marília Mendonça  
 Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=OT7PpQEz7rc>  
 Acesso em 15 de ago. de 2017.

Seria inevitável sentir interesse por outra pessoa fora do vínculo afetivo e sexual? São muitas as motivações e justificativas para tentar entender o jogo das infidelidades. O mundo das representações traz em seu bojo a questão de gênero bem definida, com noções de masculinidade e feminilidade que codificam um sistema particular de valores sócio-históricos e culturais, que através de formas simbólicas e condutas moldam as distinções, estabelecendo noções hierárquicas entre mulheres e homens. Nesse sentido, o interdiscurso é tratado como a memória do dizer, aquilo que fala antes, em outro lugar, de modo independente e diferentemente (PÊCHEUX, 1969,

1975), uma vez que **todo discurso se constitui a partir de uma memória e do esquecimento de outro** (PÊCHEUX, 2010, 1984, grifos nossos).

Diante das questões materializadas, é possível promover-se uma articulação com a música “Amante não tem lar”, que ao ser analisada, descreve minuciosamente a temática da traição. Com isso, verificam-se fortemente efeitos de sentido que apontam para a autculpabilização por parte da personagem construída por Mendonça (2017) em sua composição, considerando que ela assume a posição-sujeito daquela que é a “outra”, “destruidora de lares”. Sendo assim, percebe-se que, na verdade, **o discurso é/será determinado pela posição-sujeito, dada em uma posição ideológica e sócio-histórica também** (ORLANDI, 2013, p. 43), porque de acordo com Althusser (1985, p. 99), “o lugar desse sujeito já foi dado, ele já se inscreveu, há, portanto, uma predeterminação ideológica”, conseqüentemente, na prática social, levando tal mulher a ver/sentir-se como “pivô da separação”, quer dizer, aquela que traz danos e causou uma destruição à “sagrada família”, como é visto na primeira estrofe: **[...] Você vai me odiar [...] Só vim me desculpar [...] Que faz um tempo, Eu me meti no meio do seu lar/ Ele te ama de verdade/ E a culpa foi minha/ Minha responsabilidade eu vou resolver/ Não quero atrapalhar você.** Entretanto, e o homem-marido, diga-se de passagem, que também traiu? Nesse contexto, tal homem aparece como aquele sujeito que está totalmente isento no processo da traição, sendo o “coitadinho seduzido”, tratando-se, portanto, de resquícios de puro machismo vigente na sociedade. Já a mulher, é constituída, na composição, como aquela que seria a única responsável pelo “ato torpe” e, assim, ao expor o adultério, procura isentá-lo de qualquer culpa nessa relação extraconjugal, logo, pondo-se como a mulher sedutora, a amante, “destruidora do núcleo familiar”. Logo, compreende-se que os dizeres, não são apenas mensagens a serem decodificadas, mas efeitos de sentido que são produzidos em condições determinadas, que “compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação” (ORLANDI, 2013, p. 30-31). Além disso, é por meio do funcionamento discursivo nas formações imaginárias dos sujeitos em suas condições de produção que se percebe a constituição dos sentidos, estes, por sua vez, conforme Ferreira (2015), instauram-se nas grandes formações sócio-históricas que determinam as formações ideológicas (FI) em que os discursos estão inscritos. Nesse vigamento, a FI é entendida como um conjunto complexo de atitudes e representações que não são nem individuais nem

universais, mas se relacionam mais ou menos **às posições de classes em confronto umas com as outras**. Comporta, necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias formações discursivas (FD) interligadas (CAZARIN, 2001, p. 137, grifos nossos).

Nesse sentido, isso é possível, tendo em vista que os discursos, de acordo com Pêcheux ([1975] (1993)) estão imbricados com as formações ideológicas (FI) e formações discursivas (FD), associadas, sempre, a uma memória social, ou seja, toda formulação possui, em seu “domínio associado” outras formulações que ela repete, refuta, transforma, nega, enfim, em relação às quais se produzem certos efeitos de memória específicos. Portanto, observa-se, a partir dos enunciados em destaque, a perpetuação discursiva, histórica e social do estereótipo de mulher, contido em inúmeras narrativas, não só musicais como ficcionais, nesse caso, em sua posição-sujeito, considerando-se como “aquela” que destrói núcleos familiares, por “seduzir” homens casados que “inocentemente” caem em sua teia, a saber, **só vim me desculpar [...] Eu me meti no meio do seu lar [...] E a culpa foi minha**. Consequentemente, “o que vem pela história, vem pela memória, pelas filiações de sentidos constituídos em outros dizeres, em muitas outras vozes, no jogo da língua que vai se historicizando aqui e ali” (ORLANDI, 2001, p. 32).

Sabidamente, a sociedade é extremamente patriarcal e, com isso, quem se envolve com um homem casado é posta em total marginalização, conforme o trecho da música que aponta: **E o preço que eu pago/ É nunca ser amada de verdade/ Ninguém me respeita nessa cidade/ Amante não tem lar/ Amante nunca vai casar**. Além disso, “a amante não se acha merecedora de amor, nem digna para o sacro matrimônio, sendo este momento reservado para mulheres mais honrosas” (BEAUVOIR, 1970, p. 175). Em face do alheamento da amante e do desprezo social, a personagem construída na música, subjuga-se como uma mulher que é incapaz de ser amada, não ter um lar ou que nunca irá se casar. Nesse enquadramento, também, como constitutivo do discurso, tem-se o interdiscurso, que dentro da FD, aparece como “o conjunto das formações discursivas que trabalha com o repetível, com a resignificação do sujeito sobre o já dito” (AUTHIER-REVUZ, 2001, p. 27). Então, parte-se sempre de outros dizeres que são resignificados em nossos discursos, uma vez que os sujeitos que estão dentro de uma FD conferem inconscientemente ao interdiscurso.

Como efeitos de sentido, diante dos enunciados em análise, a partir da letra da música, constata-se que o *status* da mulher que se envolve com um homem casado em uma sociedade patriarcal é de total marginalização, não sendo, esta, considerada digna para o casamento, marginalizando assim, a sua identidade, sem adquirir o papel que é devido a mulher patriarcal, que é o de ter filhos e cuidar do seu lar, onde a esposa traída faz o papel de interlocutora (BEAUVOIR, 1970). Memoravelmente, nas diversas situações cotidianas de uma FD, discursos são encadeados, articulados e formulados. Com isso, o interdiscurso trata de propagar nas práticas discursivas, o puro “já dito”, isto é, perpetua esse “olhar machista” sobre a traição em um relacionamento que culpabiliza totalmente a figura da amante pelo deslize cometido do homem/marido casado, que por vezes, posa de “inocente e/ou seduzido”, reproduzindo aquele velho discurso fundador de Adão, que supostamente, teria sido “enganado pela serpente no paraíso”. Entretanto, onde fica o poder de escolha? De decidirem ou não ficar com outra pessoa? O que realmente ocorre é que na grande maioria das vezes, escondem que são casados, ou mentem, dizendo que o casamento já acabou, que não vai bem, que estão apaixonados e como resultado, saem em busca de quebrar essa rotina desgastada (FERREIRA, 2009).

Infelizmente, em meio a toda essa problemática, destaca-se, ainda, que no pressuposto do direito antigo, do Código de Hamurabi (2017), passando pelo direito assírio, dos hititas, deuteronômio e romano, a infidelidade feminina é legalmente e efetivamente punida com a morte. Todavia, no século XIX, quando eram vigentes, entre nós, as ordenações portuguesas, a morte tinha um encontro marcado com a esposa infiel, havendo a sua previsão em caso de infidelidade feminina. Logo, percebe-se o quanto desses discursos têm sido perpetuados, via memória discursiva e disseminados, através das práticas interdiscursivas e, com efeito, interiorizado tanto pela sociedade como pela figura feminina a ponto de, mesmo sem ter sua vida subtraída pelo Estado, ela mesma, subtrai de si, não tanto pela culpa, mas pela dor de realizar plenamente o seu desejo, a ser aceita pela sociedade a qual pertence.

Além disso, entende-se que o papel da mulher, da amante foi/é muitas vezes silenciado, censurado. No entanto, sabe-se que as palavras surgem do silêncio e esse é necessário entre elas, onde apreender sua opacidade e seu trabalho no processo de significação traz a responsabilidade de colocar-se entre o dizível e o indizível, entre o dito e o não-dito (ORLANDI, 2007). A partir da composição posta em análise,

percebe-se, ainda, um silenciamento vigente para as amantes, quer dizer, não é o silêncio, mas “o pôr em silêncio”, **E o preço que eu pago [...] Ninguém me respeitar nessa cidade.** Esse movimento, tal ação, mostra o funcionamento do interdiscurso, lugar dos modos de construção da produção de sentidos, pré-requisitos indisponíveis, para se pensar os processos discursivos e a materialidade da linguagem na construção da realidade. Assim, de acordo com o papel da amante, pode-se inferir que em sua situação o silêncio, entre os efeitos de significação revela: (A) o não querer falar de si, por autoproteção, medo ou enfrentamento; (B) não querer falar do outro para não expor o amante, ou o marido tido como “fiel”, (C) negação de um fato e, nesse caso, “o dizer outro”, (D) construção do enunciado, onde o silêncio corresponde a um apoio e (E) opressão advinda da intimidação social. Como resultado, observa-se a partir do que é dito pela amante, uma relação de desvalorização, pistas de um discurso onde **“algo significa antes e em outro lugar”** (ORLANDI, 2007, grifos nossos), que torna possível todo dizer que retorna através da memória discursiva, histórica e social, sob a forma do interdiscurso, que materializa o pré-construído que se identifica e é atravessado em determinada FD permeada pelo medo.

### Considerações finais

A eterna busca pelo prazer faz o ser humano, talvez em seu momento mais próximo dos seus ancestrais, os animais, buscarem as primeiras emoções, correr atrás do gozo perdido, da paixão que se esvaiu, do primeiro beijo e do amante por seu simbolismo. O ser humano não é altruísta, tampouco um lobo como se advoga. O ser humano é uma criatura passível de erros, equívocos, atos torpes e na maioria das vezes, condutas belíssimas (FREITAS, 2008).

Traição é uma temática extremamente complexa, mas que não pode e nem deve ser reduzida a essa visão arcaica, ultrapassada e machista que joga toda a culpa naquela que se predispõe a ocupar em sua forma-sujeito (identificação) a posição-sujeito de amante, da “outra”, como foi proposto através do objetivo deste artigo: identificar a memória do dizer e o interdiscurso cristalizado em relação à figura da amante no contexto social, mobilizando as noções de sujeito e situação, efeitos de sentido, memória discursiva e interdiscurso, formação discursiva (FD), formações imaginárias e posição-sujeito.

Nesse contexto, há uma pergunta que não quer calar: o fulano tem mulher, família, filhos, fica com outra e a culpa é só dela? Como assim? Não, acredita-se que



ninguém destrói o casamento de ninguém, pois quem aventura-se em um relacionamento extraconjugal deve saber exatamente o que está fazendo, e por consequência, os riscos que estará correndo pela infidelidade conjugal, que segundo Freitas (2008) “a infidelidade é, de regra, destruída muito antes da prática do adultério” (FREITAS, 2008, p.28). Não tem essa de que “a amante” é a culpada, uma vez que como já diz um ditado conhecido: “quando um não quer, dois não ficam”. Portanto, onde há uma amante, existe também um homem/marido traidor, com isso, não se pode negar a evidência da língua, como tal, ela tem seu corpo, sua materialidade, por isso, conforme Leandro Ferreira (2000, p. 21), “é preciso que desconfiemos dela e de seu efeito de aparente transparência”, procurando investigar os mecanismos de funcionamento que produzem sentidos, pois muitas vezes, a autora lembra de que, nos contextos sociais, o sentido das palavras, dos enunciados, das preposições aparece como se estivesse dado, cabendo ao sujeito reconhecer e adequá-lo ao seu dizer. Criando-se, assim, “a ilusão de um sentido desprovido de história e de um sujeito como origem de si próprio”. Temos aí, em decorrência do “efeito de evidência da língua”, o surgimento de mais duas: “a **evidência do sentido** (que faz com que uma palavra queira dizer o que realmente diz) e a **evidência do sujeito** (que se mostra como tendo existência espontânea)” (LEANDRO FERREIRA, 2000, p. 21, grifos nossos).

À vista disso, como foi possível identificar através da análise da letra da música “Amante não tem lar” (2017) de Marília Mendonça, apontando a figura feminina como única culpada pelo deslize cometido pelo homem casado. Ao reforçar essa ideia, traz à tona uma memória discursiva e social, que conforme Pêcheux e Fuchs ([1975] (1993)), em seu “domínio associado” possibilita novas formulações que ela repete, refuta, transforma, enfim, em relação às quais se produzem certos efeitos de memória específicos. Atrelado a isso, tem-se **o interdiscurso, que a partir das diversas situações cotidianas de uma FD** tem o encadeamento, articulação e formulação de discursos, onde nesse caso, **traz a cristalização, do repetível**, “puro já dito” (LEANDRO FERREIRA, 2001, grifos nossos). Nesse sentido, logo atribuindo, somente às mulheres toda a culpa pela traição do homem, assim, perpetuando discursos preconceituosos e deturpados sobre a figura da amante, sendo consideradas, como já ressaltado, as “destruidoras de lares”, “pivôs de separações”.

Reproduzindo aquele velho discurso fundador em que a culpa foi da mulher no Jardim do Édem.

Em meio a tudo isso, os homens continuarão, como se nada tivesse acontecido, achando normal ter um relacionamento extraconjugal e, principalmente, voltando para a “sagrada família” e dar um beijo de boa noite, tanto na esposa como nos filhos. Enquanto isso, “àquela” que aceitar ser a outra, a amante, muito provavelmente, continuará infeliz, maltratada, subjugada, censurada, silenciada e desvalidada pela sociedade altamente patriarcal, preconceituosa e conservadora.

## Referências

- ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos do Estado (AIE)**. Rio de Janeiro, Edições Graal, p. 92 a 99, 1985.
- ALTHUSSER, L. **Freud e Lacan, Marx e Freud: introdução crítica-histórica**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1991.
- ALONSO, G. **“Cowboys do asfalto: música sertaneja e modernização brasileira”**. Doutorado em História (Tese). Niterói: UFF, 2011.
- AUTHIER-REVUZ, J. **Palavras incertas**. As não-coincidências do dizer. Campinas-SP: Editora Unicamp, 2001.
- AZEVEDO, N. P. S. G. **A gagueira sob a perspectiva linguístico-discursiva: um olhar sobre a terapia**. Tese de doutorado. (Doutorado em Letras e Linguística) UFPB - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa (PB), 2006.
- BEAUVOIR, S. de. **O Segundo Sexo: Fatos e Mitos**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.
- CAZARIN, E. A. Interlocução discursiva: a afirmação funcionando como negação. *In*: ERNST-PEREIRA, Aracy.; FUNCK, Suzana Bornéo. (orgs.). **A leitura e a escrita como práticas discursivas**. Pelotas: Educat, p. 137 a 144, 2001.
- DEL PRIORE. M. **Ao Sul do Corpo: condição Feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.
- FERREIRA, E da S. **O discurso de Médici e seus jogos: questões sobre o silenciamento e a representação do outro**. Mestrado em Linguística (Dissertação). Recife: UFPE, 2015.
- FERREIRA, V. L. T. **A função social da(o) amante**. Monografia do curso de direito. Universidade do Vale do Itajaí, 2009.
- FREITAS, D. P. **A função sócio-jurídica do(a) e outros temas de família**. Florianópolis: Conceito Editorial, 2008.

HAROCHE, C. **Fazer, dizer, querer, dizer**. São Paulo: Hucitec, p. 178, 1992.

INDURSKY, F. Discurso, língua e ensino: especificidades e interfaces. *In*: TFOUNI, Leda et al (Org.). **A análise do Discurso e as suas interfaces**. São Carlos, SP: Pedro e João Editores, p. 03, 2011.

LEANDRO FERREIRA, M. C. **Glossário de termos do discurso**. Análise de discurso, Instituto de letras, UFRGS. Porto alegre, 2001.

LEANDRO FERREIRA, M. C. **Da ambiguidade ao equívoco**: a resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso. Porto Alegre: Ed. Universitária/UFRGS, p. 24, 2000.

MALISKA, M. E. A voz: um corpo que não engana. *In*: FLORES, G. G. B. *et al.* (orgs). **Análise do discurso em rede: cultura e mídia**. Vol. 3, Campinas, São Paulo: Pontes Ed., p. 50 a 70, 2017.

NAPOLITANO, M. A história depois do papel. *In* PINKY, Carla B. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2006.

ORLANDI, E. P. **Discurso e Texto**: formulação e circulação de sentidos. Campinas/SP: Pontes, 2001.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio**. No movimento dos sentidos. 6ª Ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e fundamentos**. CAMPINAS, SP: Pontes, 2013.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. Campinas: Pontes, 2011.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 10.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

ORLANDI, E. P. Análise de discurso. *In*: LAGAZZI, Suzy.; ORLANDI, Eni Punicelli. (Org.). **Discurso e textualidade**, 3 Ed, Campinas, São Paulo: Pontes Editores, p. 13 a 76, 2015.

PÊCHEUX, M. **Por uma análise automática do discurso**. Campinas: UNICAMP, [1969]1993.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 3.ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, [1975] 2014.

PÊCHEUX M.; FUCHS, C. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas. *In*: GADET, Françoise. & HAK, Tony. (Org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Ed. da Unicamp, p 163 - 252, [1975] 1997.

PÊCHEUX, M. Rôle de La mémoire. *In*: MALDIDIÉ, Denise. (Org.). **Histoire et Linguistique**. Paris: Editions de La Maison des Sciences de l'Homme, 1984.

PÊCHEUX, M. Papel da Memória. In: ACHARD, Pierre [et al.]. **Papel da Memória**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010, p.49-57.

SOARES, A. F. Sem corpo, sem língua, num entrelugar: sobre os sujeitos transexuais na mídia. In: FLORES, G. G. B. *et al.* (orgs.). **Análise do discurso em rede: cultura e mídia**. Vol. 3, Campinas, São Paulo: Pontes Ed., p. 35, 2017.

SOUZA, I. M. C. C. **Casamento**: Uma escolha além do jurídico. Florianópolis: Voxlegem, 2006.

#### SITES CONSULTADOS

ALMEIDA, F. C. Obrigação de não fazer e dever de fidelidade: a conduta do amante sob a perspectiva do direito das obrigações, do direito de família e da responsabilidade civil. **civilistica.com** || a. 5. n. 2. 2016 || 1. Disponível em: <http://civilistica.com/wp-content/uploads/2016/12/Almeida-civilistica.com-a.5.n.2.2016.pdf>. Acesso em 15 de ago. de 2017.

BRASIL. Código Civil. Lei nº. 10.406, de 10 de janeiro de 2002. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília, DF, 10 jan. 2002. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/2002/L10406.htm%3E](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10406.htm%3E). Acesso em 03 out. de 2017.

Código de Hamurabi. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/anthist/hamurabi.htm>. Acesso em 27 de dez. de 2017.

EEDE, A. M. Música e História: As representações das mulheres nas músicas do Sertanejo Universitário. Produções Didático-Pedagógicas (PDE), **cadernos PDE**, Vol. II. 2013. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/pro..> Acesso em 15 de ago. de 2017.

LEANDRO FERREIRA, M. C. Linguagem, ideologia e psicanálise. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, v.01, p.69-75, Jun., 2005. Disponível em: <http://estudosdalinguagem.cpelin.org/index.php/estudosdalinguagem/article/viewFile/10/16>. Acesso em: 24 de jul. de 2014.

LIMA, J. D. de. O que é o 'feminejo'. E qual o lugar das mulheres na história da música sertaneja. <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/01/14/-E-qual-o-lugar-das-mulheres-na-hist%C3%B3ria-da-m%C3%BAica-sertaneja>. Acesso em: 15 de ago. de 2017.

MEDEIROS, M. O Amante. Disponível em: <https://bemseparadas.com.br/posto-de-amante/>. Acesso em 15 de ago. de 2017.

MENDONÇA, M. "Amante não tem lar", 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OT7PpQEz7rc>. Acesso em 15 de ago. de 2017.

RODRIGUES, S. G. O que a sociedade reserva às mulheres?. Disponível em: <http://encontrointimo.com.br/artigos/o-que-a-sociedade-reserva-as-mulheres/>. Acesso em 03 de out. de 2017.

Recebido em 01 de março de 2020  
Aprovado em 15 de abril de 2020